

OS DIAS DE RICARDO REIS

Sara Grünhagen

Université Sorbonne Nouvelle

Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0002-9025-2687>

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biographia,

Não há nada mais simples.

Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.

Entre uma e outra cousa todos os dias foram meus.

ALBERTO CAEIRO

O ano da morte de Ricardo Reis (1984) é um romance que tem gerado fascínio em leitores e críticos por diversas razões, entre as quais a sua reconstituição de um tempo e de um espaço bem específicos, a saber, os dias vividos por Ricardo Reis na Lisboa dos anos 1930. José Saramago faz Ricardo Reis retornar a Portugal a 29 de dezembro de 1935, passado um mês da morte de Fernando Pessoa, e a cronologia do romance se estenderá até 8 de setembro de 1936, data em que um grupo de marinheiros, entre os quais Daniel, irmão de Lúcia, tentam sublevar-se, sem sucesso. Este e outros episódios históricos marcam o compasso da rotina de Ricardo Reis, e o desfecho da frustrada Revolta dos Marinheiros acabará por afetar o heterônimo transformado em personagem de romance, que já não consegue sustentar a sua desejada indiferença aos espetáculos do mundo e acaba decidindo acompanhar o seu criador e partir para o além.

Esta obra já canônica de Saramago é, à sua maneira, uma cápsula do tempo, um modo de voltar ao passado e de tentar entender acontecimentos, personagens, políticas, escolhas. Para fazê-lo, Saramago elabora uma narrativa que também reflete sobre aquilo que compõe a tessitura dos dias. Afinal, de que é feita uma vida? Nem só das datas de chegada e partida; Saramago, nesse ponto, não estaria totalmente de acordo com Alberto Caeiro e permitiu-se criar nos espaços em branco dos versos e da biografia de um dos discípulos do Guardador de Rebanhos. É sabido que a literatura também é feita dessas ousadias, e os documentos que aqui se apresentam ajudam a entender como Saramago concebeu a sua.

Entre os materiais preparatórios doados pelo escritor à Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), consta uma agenda de 1983 com os dias da semana riscados de maneira a coincidir com aqueles vividos por Ricardo Reis sobretudo em 1936. O preenchimento desses dias é feito com o auxílio de uma das mídias mais importantes para aqueles tempos: provém de jornais a maior parte das informações transcritas na agenda, o tipo de referência que nos permite voltar no tempo e saber até qual era a temperatura média de um mês como janeiro de 1936. A imprensa, como o relato mais imediato e em princípio fiel das ocorrências diárias, revela-se crucial para a reconstituição dos acontecimentos e detalhes do passado levada a cabo por Saramago, que nos lembra que a vida certamente é feita de eventos marcantes e inesquecíveis, mas também de chuva e *fait divers*.

Embora já disponibilizado on-line pela BNP, com outros documentos preparatórios¹, este material ainda foi pouco estudado².

¹ BNP Esp. N45, disponível em: <https://purl.pt/13867/1/morte-ricardo-reis.html>.

² Cabe mencionar o estudo de Gerson Roani (2006), que faz referência à agenda e coteja anotações ali presentes com alguns dos periódicos consultados por Saramago.

Ele revela, porém, parte da fabricação do romance e permite entrar na oficina de trabalho de José Saramago: vemos os acontecimentos e detalhes históricos que envolvem a rotina de Ricardo Reis e que dão vida e consistência à ficção; vemos também a coleta minuciosa de informações, muitas delas relacionadas a episódios e posicionamentos políticos, e temos já um vislumbre da abordagem crítica de certos jornais empreendida pelo escritor.

Para esta seção de arquivo, foram selecionadas e transcritas seis páginas da agenda preparatória d'*O ano*: a página de 21 de janeiro, as quatro páginas de 21 a 24 de abril e a página de 15 de abril (arquivo A). Para além da agenda em si, busca-se apresentar algumas das notícias que nela são citadas, e esse será o caso sobretudo dos dias particularmente políticos de abril (arquivo B)³. É amplo e bastante diverso o panorama da imprensa da década de 1930 presente n'*O ano*, mas, para os propósitos ilustrativos deste texto, serão recuperadas apenas notícias do jornal *O Século*, um dos que aparecem de maneira mais expressiva na agenda e, consequentemente, no romance.

Entre outros elementos próprios desta mídia que ajuda a estruturar temporalmente a narrativa e que é com frequência citada, o romance vai dar um destaque especial à publicidade, elemento aparentemente menor, mas indissociável da identidade dos jornais, cuja popularização se deve em grande parte à sua presença, por permitir uma redução significativa do preço de venda. A publicidade é algo que rapidamente se torna obsoleta, tanto ela está associada aos interesses específicos de um momento: a surpresa com que vemos anúncios de décadas passadas, enaltecendo valores que hoje seriam,

³ Parte da pesquisa apresentada para esta seção de arquivo provém da minha tese de doutoramento *A cor dos cabelos de Deus: Intertextualidade, intermedialidade e metalepse em José Saramago* (Grünhagen, 2021).

aparentemente, inaceitáveis, deve-se ao seu potencial de trazer à tona um dado mundo. Em certos trechos, a surpresa com a pertinência do achado parece ser enunciada – e pode-se imaginar o tempo de pesquisa que o autor dedicou para encontrar materiais tão expressivos: “veja os novos modelos de automóveis Studebaker, o President, o Dictator, (...) este é o resumo perfeito do mundo nos dias que vivemos, um automóvel chamado Ditador, claro sinal dos tempos e dos gostos” (Saramago, 2016: 138). Nesse trecho, Ricardo Reis é colocado diante de um anúncio da empresa norte-americana Studebaker, extinta já no tempo da narração, publicado n’*O Século* de 21 de janeiro de 1936 (arquivo B-1), conforme anotação na entrada do mesmo dia da agenda preparatória (arquivo A-1).

Vários serão os anúncios lidos e descritos ao longo da narrativa, como também serão diversas as notícias citadas e comentadas pelas personagens, sobretudo por Ricardo Reis e Fernando Pessoa. O segundo, impossibilitado de ler pelo seu estado *post mortem*, em mais de uma ocasião pede ao primeiro que leia o jornal em voz alta. A longa cena de leitura apresentada a seguir revela a referida abordagem crítica dos jornais, um efeito que provém tanto de uma seleção apurada de publicações reais, em muitos casos repetidas literalmente, quanto do seu comentário. O trecho é ainda emblemático do modo como a passividade na leitura do mundo encarnada por Ricardo Reis é problematizada, tornada quase impossível, pelo contraste que se estabelece entre a pretensão e mesmo o absurdo que as notícias revelam e o conhecimento que o leitor de hoje detém, sabendo qual é o final daquela História:

Você sabia que [B-2] o Hitler fez anos, quarenta e sete, Não acho que a notícia seja importante, Porque não é alemão, se o fosse seria menos desdenhoso, E que mais, Diz aqui que passou revista a trinta e três mil soldados, num ambiente de *veneração quase religiosa*, palavras textuais, se

quer fazer uma ideia ouça só esta passagem do discurso que Goebbels fez na ocasião, Leia lá, *Quando Hitler fala é como se a abóbada de um templo se fechasse sobre a cabeça do povo alemão*, Caramba, muito poético, Mas isto nada vale em comparação com as palavras de Baldur von Schirach (...) *Hitler, presente de Deus à Alemanha, foi o homem providencial, o culto por ele está acima das divisões confessionais*, Essa não lembrava ao diabo, o culto por um homem a unir o que o culto de Deus dividiu, E von Schirach vai mais longe, afirma que *se a juventude amar Hitler, que é o seu Deus, se se esforçar por fielmente o servir, cumprirá o preceito que recebeu do Padre Eterno*, Magnífica lógica, (...) afinal o nacional-socialismo é uma religiosíssima empresa (...) Olhe que nós, por cá, também não vamos nada mal em pontos de confusão entre o divino e o humano, (...) segundo a [B-3] declaração solene de um arcebispo, o de Mitilene, *Portugal é Cristo e Cristo é Portugal*, Está aí escrito, Com todas as letras, (...) quer ouvir agora [B-4] o que o cardeal Cerejeira disse aos seminaristas, Não sei se serei capaz de aguentar o choque, Você não é seminarista, Mais uma razão, mas seja o que Deus quiser, leia lá, *Sede angelicamente puros, eucaristicamente fervorosos e ardentemente zelosos*, Ele disse essas palavras, assim emparelhadas, Disse, Só me resta morrer, Já está morto, (...) Leia-me mais notícias (...) Então ouça lá, agora vão de enfiada, (...) [B-5] *Pio XI condena a falta de moral de certas fitas* [B-6] Maximiano Correia declarou que Angola é mais portuguesa que Portugal porque desde Diogo Cão não reconheceu outra soberania que não fosse a dos portugueses [B-7] Em Olhão houve uma *distribuição de pão aos pobres no pátio do quartel da Guarda Nacional Republicana* [B-8] *Fala-se numa associação secreta espanhola constituída por militares* [B-9] Na Sociedade de Geografia por ocasião da semana das colónias *senhoras da nossa melhor sociedade ocuparam lado a lado lugares com gente modesta* [B-10] Segundo o jornal Pueblo Gallego refugiaram-se em Portugal cinquenta mil espanhóis [B-11] No Tavares o salmão vende-se a trinta e seis escudos o quilo,

Caríssimo, Você gosta de salmão, Detestava, E pronto, a não ser que queira que lhe leia as desordens e agressões, o jornal está lido.⁴ (Saramago, 2016: 330-3)

O conjunto de notícias lidas por Ricardo Reis contribui para a reconstituição da paisagem daquele tempo que o romance se esforça em fazer, e percebe-se o quanto o jornal é essencial para esse propósito. Servindo-se desse meio, a narrativa inscreve os nomes dos envolvidos históricos: repare-se como nenhum ditador fica de fora no romance, e como mesmo figuras e políticos esquecidos da época são citados. A narrativa preocupa-se ainda em dar pistas sobre acontecimentos futuros cujos desdobramentos o leitor já pode saber, como na menção à conspiração militar espanhola (notícia B-8); ela quer trazer números que deem ideia da magnitude dos conflitos (como na notícia B-10, citando o *Pueblo Gallego*); e ela lembra daqueles já mencionados detalhes de que também são feitos a vida cotidiana de cada tempo (notícia B-11, o salmão do Tavares).

As dez notícias recuperadas nesta cena provêm de quatro números d' *O Século*, de 21, 22, 23 e 24 de abril de 1936, não sendo listadas necessariamente na ordem cronológica de publicação. O narrador de Saramago chega a explicar em trecho anterior a sua estratégia de recorte na recuperação dos jornais: “não se cuide que estas notícias apareceram assim reunidas na mesma página de jornal (...). São acontecidos e informados de duas ou três semanas, aqui justapostos como pedras de dominó” (Saramago, 2016: 95). Esse tipo de intervenção do narrador tem também a função de destacar o material de base e, o que é importante no presente caso, a veracidade da fonte. Na cena entre Ricardo Reis e Pessoa, são as próprias personagens que demarcam a

⁴ Numeração e grifos meus.

referência original – “palavras textuais”, “Está aí escrito, Com todas as letras”, “Ele disse essas palavras, assim emparelhadas, Disse” –, e toda essa insistência e remissão às fontes funciona como um alerta para o leitor, como se se dissesse: veja bem, isto não é invenção. Fernando Pessoa encarna aqui o leitor que já não é parte daquele enredo e que fica chocado com o que ouve: “Ai esta terra, ai esta gente, e não pôde continuar, havia agora lágrimas verdadeiras nos seus olhos” (Saramago, 2016: 331).

Intercaladas por diálogos entre Reis e Pessoa, as três primeiras notícias do trecho são as mais comentadas e criticadas pelo segundo. As notícias B-3 e B-4 provêm, na verdade, de uma mesma longa reportagem publicada no dia 24 de abril, relatando as comemorações e homenagens ocorridas na ocasião do jubileu sacerdotal do cardeal patriarca Manuel Gonçalves Cerejeira (1888-1977) – a notícia B-9 está igualmente ligada aos festejos, embora a associação não seja feita no romance. Faz-se uma comparação entre Portugal e a Alemanha, estabelecendo um paralelismo bastante provocativo, associando os discursos de [1] Goebbels e de Baldur von Schirach (“o chefe das Juventudes do Reich”, conforme explica Ricardo Reis) às falas do [2] arcebispo de Mitilene e do [3] cardeal Cerejeira, todos os quatro sendo citados palavra por palavra: Goebbels, von Schirach e o arcebispo promovendo os seus ditadores ao patamar divino, von Schirach e o cardeal Cerejeira exortando a juventude a manter-se firme no caminho que lhe é indicado.

A fala do cardeal, considerado “a mais duradoura figura institucional da Igreja” (cf. Serrão, 2002: 15) em Portugal, parece ter sido cuidadosamente pinçada para se emparelhar ao discurso das outras três figuras históricas, sobretudo Goebbels e von Schirach. A menção ao cardeal é digna de nota, tendo sido o dirigente da igreja católica durante o Estado Novo e um dos seus grandes apoiadores. A famosa tríade “Deus, Pátria, Família” da série “A Lição de Salazar” (1938)

ainda não estava em voga e não vai, portanto, aparecer nesses termos no romance, mas o programa político que ela espelha surge valorizado nas notícias dos jornais, no destaque dado ao governo e às instituições religiosas, à ordem e ao poder (as já citadas notícias B-2, B3 e B4); na exaltação do império colonial (notícia B-6); na questão da moralidade e da preocupação do papa até com o cinema (notícia B-5); na referência à caridade institucionalizada (notícia B-7); na menção, enfim, às “senhoras da nossa melhor sociedade”, emblemas da Família, que se submetem a ficar “lado a lado” com “gente modesta” (notícia B-9).

É, enfim, impressionante a quantidade de informações que os jornais citados trazem; ao mesmo tempo, o romance não permite supor que o universo que eles retratam é representativo da realidade ou mesmo da opinião pública. As ausências chamam a atenção, tanto quanto a luz generosa com que o cenário político português é retratado: no dia a dia d’*O Século*, tudo é demasiado pacífico, os políticos portugueses, quase perfeitos, e não há oposições e resistências internas consistentes. O lado enganoso dos periódicos chega a ser explicitamente problematizado na narrativa, que aborda inclusive a questão da fraude, colocando-a em cena ao falar da:

Situação daquele ancião americano que todas as manhãs recebe um exemplar do New York Times, seu jornal favorito, o qual tem em tão alta estima e consideração o seu idoso leitor, com a bonita idade de noventa e sete primaveras, a precária saúde dele, o seu direito a um fim de vida tranquilo, que todas as manhãs lhe prepara essa edição de exemplar único, falsificada de uma ponta à outra, só com notícias agradáveis e artigos otimistas, para que o pobre velho não tenha de sofrer com os terrores do mundo e suas promessas de pior, por isso o jornal explica e demonstra que a crise económica está a desaparecer, que já não há desempregados, e que o comunismo na Rússia evoluciona para o ameri-

canismo, tiveram de render-se os bolcheviques à evidência das virtudes americanas. São estas as boas notícias que John D. Rockefeller ouviu ler ao pequeno-almoço. (Saramago, 2016: 330)

A história parece das mais improváveis, a começar pelas personagens envolvidas: o prestigioso diário *The New York Times* e o magnata norte-americano John D. Rockefeller (1839-1937), que fez fortuna no setor petrolífero, tornando-se um dos homens mais ricos do mundo. Saramago não a inventou, baseando-se aqui em uma notícia d'*O Século* publicada em 1936 (arquivo B-12), anotada na entrada de 15 de abril da agenda preparatória (arquivo A-6), e repetindo várias expressões do original: “jornal favorito”, “bonita idade de...”, “notícias agradáveis e artigos otimistas” etc. O que o trecho faz é atribuir explicitamente a autoria do exemplar falsificado ao *New York Times*, algo que não é afirmado n'*O Século*. A brevíssima notícia do periódico tem um tom anedótico — “Rockefeller vai vivendo, assim, animado pelas mais doces ilusões” —, e não indica nenhuma fonte, não tendo sido possível confirmar a veracidade da história.⁵

Qualquer que seja o autor do jornal inventado para Rockefeller, estabelece-se logo um contraste com Ricardo Reis, que “não aprecia de igual modo o que lê, tem, como toda a gente, as suas preferências, mas não pode escolher as notícias”, e fica, portanto, deslumbrado com a história de Rockefeller, imagina-o “abrindo com as mãos trêmulas e esqueléticas as folhas mágicas, não tem a mais leve desconfiança de que seja mentira o que elas lhe dizem” (Saramago, 2016: 310-1). É verdade que a situação de Ricardo Reis, como dirá o narra-

⁵ Nada consta a esse respeito na biografia *Titan: The Life of John D. Rockefeller*, de Ron Chernow, nem há registros de algo assim no *New York Times* de 1936 (ao menos no arquivo acessível aos assinantes). Nenhuma resposta foi dada às minhas tentativas de contato com o diário estadunidense e com o biógrafo de Rockefeller.

dor, é “muito diferente” (Saramago, 2016: 310), e mesmo assim a sua atitude predominante na narrativa será a de alguém que parece conseguir ler um jornal como se fosse o seu contemporâneo Rockefeller:

Ricardo Reis lê os jornais. Não chega a inquietar-se com as notícias que lhe chegam do mundo (...). Não é Ricardo Reis como John D. Rockefeller, não precisa que lhe peneirem as notícias, o jornal que comprou é igual a todos os outros que o ardina transporta na sacola ou estende no passeio, porque, enfim, as ameaças, quando nascem, são, como o sol, universais, mas ele recolhe-se a uma sombra que lhe é particular, definida desta maneira, o que eu não quero saber, não existe. (Saramago, 2016: 439)

O poder de seleção da imprensa, os filtros de leitura que ela é capaz de impor, o modo como consegue se arrogar detentora de uma verdade e ainda legitimar governos e políticas, tudo isso é criticado no romance, mas a crítica efetuada não se limita à mídia em si: o leitor tem um lugar nesse universo e o seu próprio poder é lembrado aqui, pela figura de Ricardo Reis. Revela-se recorrente a sua teimosia rotineira em desviar os olhos, em não querer saber o que se passa ao seu redor e menos ainda ler nas entrelinhas.

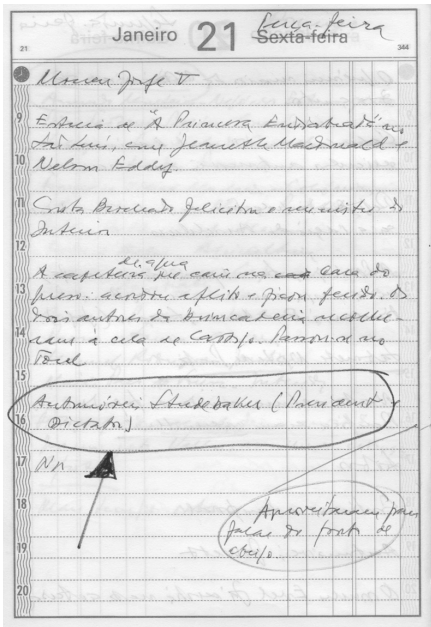
A agenda por trás do romance já aponta para uma inquietação que está na gênese da narrativa, no seu esforço em recompor o passado para melhor desconstruí-lo. Há uma preocupação ética de Saramago na sua confrontação do heterônimo mais conservador de Pessoa, uma confrontação que passa por atribuir-lhe uma rotina como a de qualquer mortal, isto é, feita de altos e baixos, de *fake news*, para utilizar a expressão mais em voga, e de jornais insossos, de políticas e conflitos detestáveis que não foram escolhidos, mas que acabam por não poder ser ignorados. Goste a personagem ou não, os dias de Ricardo Reis também são políticos, e a ousadia criativa de Saramago em provocá-

-lo dessa forma está atestada nesse documento excepcional que é a agenda preparatória d’*O ano da morte de Ricardo Reis*.

REFERÊNCIAS

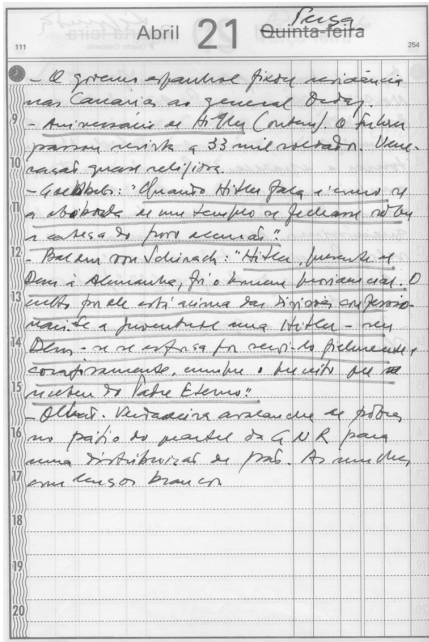
- GRÜNHAGEN, Sara (2021). *A cor dos cabelos de Deus: Intertextualidade, intermedialidade e metalepse em José Saramago*. Tese de doutoramento, Paris/Coimbra, Sorbonne Nouvelle/Universidade de Coimbra.
- ROANI, Gerson (2006). *Saramago e a escrita do tempo de Ricardo Reis*. São Paulo: Scortecci.
- SARAMAGO, José (1983 ou anterior). “O ano da morte de Ricardo Reis: materiais preparatórios”, manuscritos/dactiloscritos/recorte de imprensa, BNP – Biblioteca Nacional de Portugal, Esp. N45, disponível em: <https://purl.pt/13867/1/morte-ricardo-reis.html>.
- (2016). *O ano da morte de Ricardo Reis*. 25.^a ed., Porto: Porto Editora.
- SERRÃO, José Vicente (2002). *Pelos séculos d’O Século*. Lisboa: IAN/TT.

Arquivo A – Páginas da agenda preparatória
d'O ano (BNP Esp. N45/6)



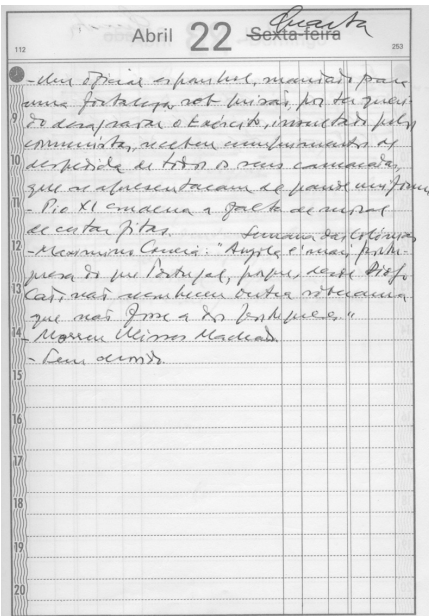
[A-1] 21 de janeiro (terça-feira)

- Morreu Jorge V
- Estreia de “A Princesa Endiabrada” no São Luís, com Jeanette MacDonald e Nelson Eddy.
- Costa Brochado felicita o ministro do Interior
- A cafeteira [↑ de água] que caiu na car cara do preso: acordou afrito e ficou ferido. Os dois autores da brincadeira recolheram à cela de castigo. Passou-se no Torel
- Automóveis Studebaker (President e Dictator)
- Na
- Aproveitaram para falar do porto de abrigo.



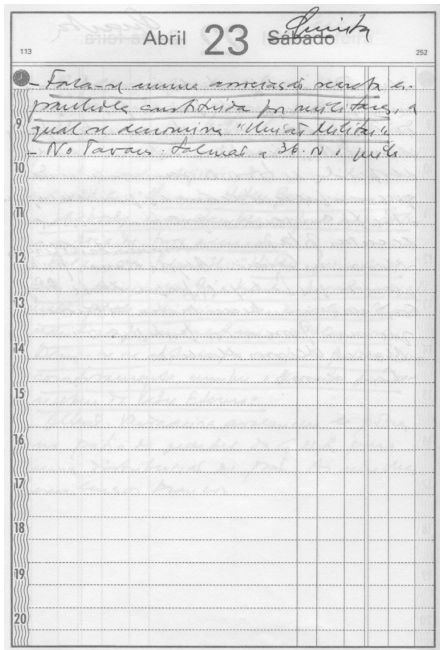
[A-2] 21 de abril (terça)

- O governo espanhol fixou residência nas Canárias ao general Ordaz.
- Aniversário de Hitler (ontem). O Führer passou revista a 33 mil soldados. Veneza quase religiosa.
- Goebbels: "Quando Hitler fala é como se a abóbada de um templo se fechasse sobre a cabeça do povo alemão."
- Baldur von Schirach: "Hitler, presente de Deus à Alemanha, foi o homem providencial. O culto por ele está acima das divisões confessionais. Se a Juventude ama Hitler – seu Deus – se se esforça por servi-lo fielmente e corajosamente, cumpre o preceito que recebeu do Padre Eterno".
- Olhão. Verdadeira avalanche de pobres no pátio do quartel da GNR para uma distribuição de pão. As mulheres com lenços brancos.



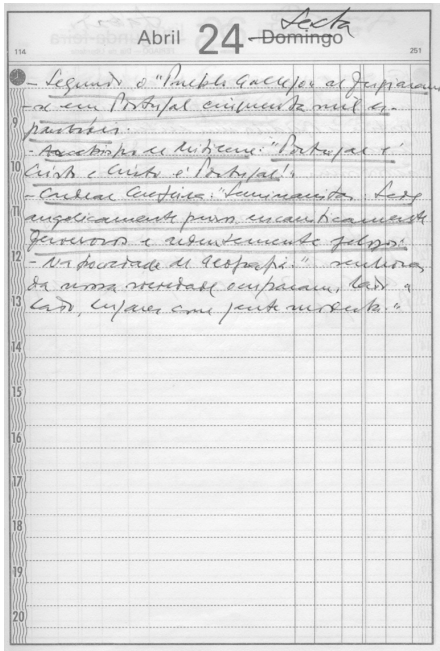
[A-3] 22 de abril (quarta)

- Um oficial espanhol, mandado para uma fortaleza, sob prisão, por ter querido desagrar o Exército, insultado pelos comunistas, recebeu cumprimentos de despedida de todos os seus camaradas, que se apresentaram de grande uniforme.
- Pio XI condena a falta de moral de certas fitas.
- Maximino Correia: [↑ Semana das Colónias] "Angola é mais portuguesa do que Portugal, porque, desde Diogo Cão, não reconheceu outra soberania que não fosse a dos portugueses."
- Morreu Ulisses Machado.
- Tem chovido.



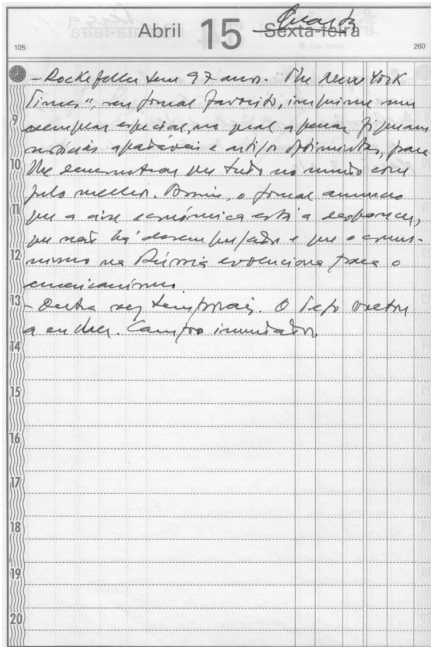
[A-4] 23 de abril (quinta)

- Fala-se numa associação secreta espanhola constituída por militares, a qual se denomina "União Militar".
- No Tavares: Salmão a 36.00 o quilo.



[A-5] 24 de abril (sexta)

- Segundo o "Pueblo Gallego" refugiaram-se em Portugal cinquenta mil espanhóis.
- Arcebispo de Mitilene: "Portugal é Cristo e Cristo é Portugal!"
- Cardeal Cerejeira: "Seminaristas: sede angelicamente puros, eucaristicamente fervorosos e ardentemente zelosos."
- Na Sociedade de Geografia: "... senhoras da nossa sociedade ocuparam, lado a lado, lugares com gente modesta."



[A-6] 15 de abril (quarta)

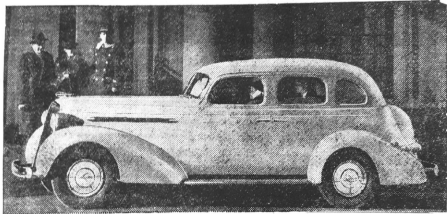
- Rockefeller tem 97 anos. “The New York Times”, seu jornal favorito, imprime um exemplar especial, no qual apenas figuram notícias agradáveis e artigos otimistas, para lhe demonstrar que tudo no mundo corre pelo melhor. Assim, o jornal anuncia que a crise económica está a desaparecer, que não há desempregados e que o comunismo na Rússia evoluciona para o americanismo.
- Outra vez temporais. O Tejo voltou a encher. Campos inundados.

Arquivo B – Notícias d'O Século

As imagens a seguir são recortes de notícias publicadas n'*O Século* em 1936. A ordem das imagens é aquela do texto d'*O ano da morte de Ricardo Reis* analisado previamente, e não a dos jornais. Na legenda das imagens, indica-se a numeração utilizada na referida análise, o trecho do romance a que elas fazem referência e, entre parêntesis, a data da edição e o número de página d'*O Século*.

EM 1936, O AUTOMÓVEL QUE SE IMPÕE É O

STUDEBAKER



Os automóveis **STUDEBAKER 1936** são construídos de forma a satisfazerem os mais exigentes compradores.

Nenhum outro carro reúne em tão alto grau as qualidades de elegância, conforto, segurança e perfeição mecânica que os distinguem.

STUDEBAKER a marca a que os modernos automóveis devem tantos e tão notáveis aperfeiçoamentos, apresenta este ano as suas mais brilhantes realizações:

◦ PRESIDENT E ◦ DICTATOR 1936

C. SANTOS, LD.^a — Rua do Crucifixo, 57 — LISBOA

[B-1] “Veja os novos modelos de automóveis Studebaker”
(*O Século* de 21 jan. 1936, p. 12).

0 ANIVERSARIO DE HITLER

A Alemanha festejou-o numa atmosfera de veneração quasi religiosa, tendo o «Führer» do Reich passado revista a 33.000 soldados do novo Exército



O director do Colegio Alemão, em Lisboa, dirige uma alocução aos pequeninos estudantes sobre o chanceler do Reich, Adolfo Hitler

BERLIM, 20.—Toda a Alemanha festejou hoje o aniversário de Hitler, numa atmosfera de veneração quasi religiosa. Nunca, nem nos tempos de Guilherme II, se assistiu a um espectáculo tão extraordinário de devoção popular por um só homem. O próprio fausto militar excedeu o que se verificava em qualquer aniversário do chefe do Estado, no tempo do império.

O «Führer» recebeu, na Chancelaria, os generais e almirantes comandantes dos exercitos de terra e mar, que ali foram apresentá-lhe felicitações. Hitler exprimiu-lhes o seu profundo reconhecimento por toda a obra levada a cabo, no ultimo ano, na reorganização do Exercito e da Marinha e na criação da aviação militar. Declarou encorar o futuro com confiança na força e no futuro da Alemanha».

O chanceler assistiu ao desfile de 33.000 homens do novo Exército, entre eles o 3.º corpo da Guarda, de Berlim; a 23.ª Divisão de Infantaria; a 3.ª Divisão de Carros de assalto; os alunos das escolas militares e destacamentos de várias unidades. Viam-se: 1.573 viaturas, entre as quais quatrocentos carros de assalto, 977 cavalos, canhões, matriadoras, etc. No cortejo militar figurou um batalhão de Marinha.

As 11 horas, Hitler tomou lugar na sua grande carruagem descoberta e dirigiu-se, no meio de ovações populares, à praça do Castelo, local consagrado pela tradição para as continências aos Chefes do Estado. Aquele sítio oferecia um aspecto imponentíssimo. Conviém notar que os efectivos presentes eram o dobro dos que tomaram parte na revista passada por ocasião do Congresso Nacional Socialista de Nuremberg.

A chegada do «Führer», as forças apareceram armadas e o povo, que sempre se imolou entre eles, se grandemente manifestou. Ao mesmo tempo, apareceram no céu dezenas de aeroplanos militares, que fizeram evoluções.

O comandante do 3.º Corpo de Exército, general Erwin von Vitzseck, avançou, fez a continência militar e saudou o chanceler num pequeno discurso. Começou, depois, o desfile, em continên-

Quando Hitler fala é como se a aboboda de um templo se fechasse sobre a cabeça do povo alemão—disse Goebbels.

O chefe do Reich concedeu varias condecorações a diversas personalidades científicas, literarias e artisticas.

Hermann Neef, chefe dos funcionários alemães, ofereceu a Hitler, esultador e reformador do povo alemão, uma cópia, em pergaminho, do *Mein Kampf*, o livro imorredouro, que se tornou na Bíblia dos alemães e determinou irrevogavelmente o destino alemão, para a

Numa festa civil, em homenagem ao chanceler, falaram numerosos oradores, que enalteceram a figura do criador da nacional-socialismo. Goebbels disse: «Quando Hitler fala é como se a abóbada dum templo se fechasse sobre a co-

Baldur von Schirach, chefe das Juventudes Hitlerianas, declarou, dirigindo-se a toda a mocidade alemã: «Hitler apresenta de Deus à Alemanha, foi o homem providencial. O culto por Ele está acima das divisões confessionais. Se a Juventude ama Hitler—seu Deus—se esforça por servi-lo fielmente e corajosamente, cumpre o preceito que recebeu do Padre Eterno».

A «Correspondência Nacional-Socialista» escreve: «Hitler deu à Alemanha liberdade, honra e p.d.o. Levou o povo à dignidade da vida. É obra dum Titã. A sua actividade é surpreendente, como surpreendentes são os seus actos. Realizou a forma mais pura da democracia».

As organizações juvenis levaram a efeito, em todo o país, grandes festas. Os rapazes de 10 anos entregaram, como novatos, nas Juventudes Nacional-Socialistas e receberam o punhal que tem gravado as palavras "Sangue e Honra".

Esta mobilização em todas as cidades, vilas e aldeias do Reich fez-se ao som de clarins e tambores, numa atmosfera de recolhimento solene. Só alguns pais cristãos, uma dez por cento—segundo declarou von Schirach—proibiram

Von Blomberg e Goering, ministros da Guerra e da Aviação, foram promovidos a **feld-marechals** e a **coronel-general**.

BERLIM, 20.—Por ocasião do desfile militar, Hitler promoveu: von Blomberg, ministro da Guerra; a feld-marechal; Hermann Goering, ministro da Aviação; a coronel-general; o general de artilharia, barão von Fritsch, comandante do Exército da terra, também a

Um corpo de cavalaria nacional-socialista

SOCIALISTA
BERLIM, 20.—Acaba de criar-se um corpo de cavalaria nacional-socialista, a que deverão pertencer todos os mancebos de 18 a 20 anos. A inscrição é obrigatória e effectuar-se-á em todo o terri-

Padres condenados por contrabando de divisas
MUNICH, 20.—O padre capuchinho Heinrich Wöist foi condenado a dois anos e nove meses de prisão e a pagar a multa de 50 mil marcos sob a acusa-

Também o padre Otto Fritz foi condenado, por idêntico motivo, a um ano de prisão e ao pagamento de uma multa de 50 mil marcos, sob a acusação de transferir, ilegalmente, para o estrangeiro capitais nacionais.

Uma festa no Colégio Alemão
O Colégio Alemão, em Palhavã, festejou ontem o 47.º aniversário do chamado

you ouviu o 4.º aniversário do chanceler-presidente Adolfo Hitler, com uma cerimônia, durante a qual o sr. Piebraun, diretor daquele estabelecimento de ensino, pronunciou uma alocução aos alunos. Começou por traçar a carreira a obra do «Führer» e do seu esforço para o engrandecimento da Alemanha.

O aluno Krippahel recitou uma poesia alusiva ao acto e, por último, foram entoados, em cântico, o hino alemão e o siforst Weasel Lieds.

Para festejar o aniversário de Hitler, a legação e o consulado da Alemanha, em Lisboa, tiveram a bandeira hasteada durante o dia de ontem, assim como os barcos alemães que se encontram no Tejo, que embandeiraram em arco.

NACIONAL

Reuniram-se ontem a comissão de pareceres da U. N., presidida pelo sr. dr. Miguel Homem de Sampaio e Melo, com a assistência dos vovós, sr. tenente-comandante Esmaraldo de Carvalho, sr. Luis de Castro e Sola e Leopoldo Ludovico. Foram apreciados todos os processos.

Realizou-se, também, a reunião da comissão conceitual da U. N., presidida pelo sr. dr. Antonio Ribeiro Ferreira. Aquela comissão solicitou do Município a cedência da capela de Santa Luzia, para sede da Junta de Freixosa de S.

Os cumprimentos da Acção Católica e da Junta Diocesana

A última cerimónia de homenagem realizou-se às 18 horas, promovida pela Junta Central, Junta Diocesana e pelas direcções nacionais e gerais da Acção Católica, com as direcções diocesanas e locais de Lisboa. Assistiram as direcções desses organismos e muitos dos seus filiados.

O sr. arcebispo de Mitilene, como presidente da Acção Católica, disse que aquela era a segunda vez que, ali, fazia, para saudar Sua Eminência, pelo vigésimo quinto aniversário da sua vida sacerdotal. Fez votos pelas glórias do ilustre purpurado, indicando o seu valor e dignidades supremas.

Desenvolveu, seguidamente, largas considerações, sobre a Acção Católica, que vai no terceiro ano de existência. Todos os que fazem parte desse organismo, com amor e dedicação, têm cumprido o seu dever, que é o de ampliar a certeza em Cristo. Os que assim têm trabalhado têm plena confiança na reconquista do Portugal cristão, que é também o empenho maior de S. E., absorvendo-lhe todos os esforços e atenções.

Definindo:

—Portugal é Cristo e Cristo é Portugal!

Ainda traçou o sr. arcebispo de Mitilene largos elogios da Acção Católica, afirmando que é necessário levar cada vez mais longe esse apostolado.

[B-3] “Portugal é Cristo e Cristo é Portugal” (*O Século*, 24 abril 1936, p. 5).

—O meu jubileu, que agora se comemora, serve-me para dar graças a Deus, por tanta glória, e chorar, também muitas infelicidades.

Ao definir e louvar o sacerdócio, disse que foi ele que lhe renovou o coração, com alegrias. A vida sacerdotal —acrescentou— é uma mocidade, cantando a Deus. Assim deve ser a vossa, queridos seminaristas.

Prosseguiu:

—Seminaristas: Sede angelicamente puros, eucaristicamente fervorosos e ardentemente zelosos.

Exortou ainda os seminaristas a cumprirem bem, para sua e glória de Deus, porque Ele fará de todos não ministros da terra, mas do céu.

Por fim deu a benção a todos os assistentes.

Um seminarista, representantes dos «adoradores nocturnos», leu também uma mensagem de saudação de S. E., na qual estão inscritos os passos sacerdotais mais notáveis do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

[B-4] “O cardeal Cerejeira disse aos seminaristas...” (*O Século*, 24 abril 1936, p. 5).

**Pio XI condena
a falta de moral
de certas produções da
cinematografia moderna**

VATICANO, 21.—Sua Santidade recebeu hoje trinta delegados ao Congresso Internacional da Imprensa Cinematográfica, reunido em Roma. Num curto discurso, o Papa protestou contra o «diletantismo» que—afirmou—jámais fez alguma coisa de bom». «O diletantismo—acrescentou S. S.—é sinónimo, salvo raras excepções, de inconstancia».

Passando á questão da moralidade do cinema, Sua Santidade declarou: «Milhares de pessoas vão ao cinema, para verem, com demasiada frequência, exhibir-se, duma maneira atraente, tudo o que não passa, muitas vezes, de ultraje e insulto ao que de mais delicado há nas almas. Não falo, sómente, em nome de religião. Falo menos do ponto de vista religioso, do que do ponto de vista de todos os sentimentos da família, do Estado e da nação».

Depois de ter exprimido a sua confiança no futuro, Pio XI deu a benção aos congressistas.

[B-5] “Pio XI condena a falta de moral de certas fitas” (*O Século*, 22 abril 1936, p. 2).

Em Coimbra

fez ontem uma notável conferência sobre Angola, o sr. prof. dr. Maximino Correia, que foi muito aplaudido

COIMBRA, 21. — T. — Prossegue com interesse e brilhantismo, a comemoração da «Semana das Colónias», patriótica iniciativa da Sociedade de Geografia de Lisboa, sediada, nesta cidade, pelos Sindicatos Nacionais dos Empregados Bancários, do Comércio e de Escritório. Esta noite, foi conferente o professor da Faculdade de Medicina sr. dr. Maximino Correia, que fez parte da expedição universitária que, visitou Angola, numa missão de estudo organizada pelo colonialista e catedrático sr. dr. Luiz Carriso.

Presidiu o sr. dr. Antonio Alves Tavares, juiz do Tribunal do Trabalho, que tinha à direita os srs. drs. João Duarte de Oliveira, Anibal Amaral Cabral, Luiz Carriso, Torres Garcia, Acacio Ribeiro, Luiz Lopes de Melo e eng. Rangel de Lima e, à esquerda, os srs. drs. Ferrand Pimentel de Almeida, José Beleta dos Santos, Agostinho de Campos, João Porto e Antonio Teixeira Botelho, e Vergilio Pereira da Mota.

O sr. presidente teceu o elogio dos Sindicatos Nacionais pela realização da «Semana das Colónias» e, referindo-se ao conferente com palavras de muita simpatia, disse ser descabida qualquer apresentação, pois o sr. prof. dr. Maximino Correia era sobejamente conhecido da assistência.

O conferente, depois de agradecer as palavras que lhe foram dirigidas, iniciou o seu trabalho sobre «Angola—costa de Africa», começando por occupar-se da visita que fez a Angola em 1927, descrevendo varios factos ocorridos durante a estada da missão academica naquela provincia. Occupou-se do desenvolvimento, sobre varios aspectos, quer da vida social, quer da vida economica, dos colonos, fazendo realçar o estado progressivo da agricultura, para o que muito contribui o valor dos terrenos. Falou depois da hospitalidade dos colonos e da vida que eles fazem ali.

Falou o conferente da emoção que sentiu ao ver subir no mastro a bandeira portugueza, a mais de 1.000 quilometros após ter deixado o barco em que fez a viagem. Descreveu os episodios da epopeia maritima e colonial dos portuguezes, cheia de heróicos cometimentos, afirmando que, como nenhum outro país, descobrimos, mantivemos e criámos o maior imperio colonial do mundo, hoje tão cobiçado pelas nações mais fortes. Falou das lutas da independencia que foi necessario manter, expulsando os estrangeiros que queriam apoderar-se das nossas possesões desde 1640, em que Salvador Correia expulsou os holandeses de Luanda e de varias outras regiões, para concluir «que Angola é mais portugueza do que Portugal, porque, desde Diogo Cão, não reconheceu outra soberania que não fosse a dos portuguezes».

Regámos com sangue e sacrificios os nossos dominios africanos, e por isso, queremos ser respeitadas. Enquanto os outros povos procuram colonizar estabelecendo bancos, «cabarets» ou praças de touros, os portuguezes usaram sempre da fé religiosa como arma dominadora. Referiu-se à «Chronica» de Garcia de Rezende, em que se descreve a segunda visita de Diogo Cão a Angola, e abordou em seguida a obra colonizadora dos portuguezes na Madeira e Açores, para voltar a afirmar que Portugal tem realizado a sua obra de colonização com o lema de paz, amizade e cristandade.

[B-6] “Maximiano Correia declarou que Angola...” (O Século, 22 abril 1936, p. 4).

O socorro do Governo aos necessitados



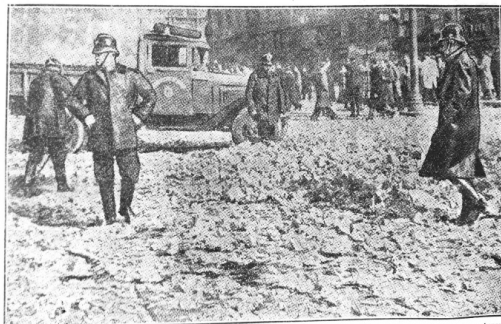
O Governo continua a dedicar a maior atenção ao socorro aos necessitados, visando, especialmente, os que não têm trabalho e os que têm sofrido as consequências do temporal que, há meses, com pequenos intervalos, assola o País. A Junta de Freguesia de Olhão, por exemplo, mercê desses auxílios do Poder Central, realizou uma distribuição de pão, no patio do quartel da G. N. R. Foi uma verdadeira avalanche de pobres, como se verifica pela nossa gravura

[B-7] “Em Olhão houve uma distribuição de pão...” (*O Século*, 21 abril 1936, p. 8).

Em Barcelona, os extremistas praticaram dois atentados

*num dos quais ficou gravemente ferido
o «concejero» Florenço Pringue, a quem
tiveram de amputar as pernas*

Fala-se numa associação secreta constituída
por oficiais, a qual se denomina «União Militar»



No dia seguinte ao da greve geral, em Madrid, os serviços de limpeza fizeram um trabalho rodentizante para fazer desaparecer das ruas os papéis de propaganda, manifestos, jornais, etc.

[B-8] “Fala-se numa associação secreta...” (O Século, 23 abril 1936, p. 1).

Quando ontem á noite, o venerando Chefe do Estado, com o sr. presidente do Conselho, outros membros do Governo e o sr. Cardial Patriarca entravam na sala «Portugal» da Sociedade de Geografia, onde ia celebrar-se a anunciada sessão solene de homenagem ao purpurado, uma quente ovação os acolheu. Ergueram-se com entusiasmo, «vivas» aos srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, e com a mesma elevação foi aclamado o sr. Cardial Patriarca.

A sala regorgitava. Dificilmente se abriram alas para a passagem daquelas individualidades, como difficil se tinha tornado, antes, a entrada na sala dos convidados e das muitas centenas de pessoas que ali acorreram.

Nessa altura, apesar da sala «Portugal» não poder comportar mais gente, ainda a escadaria que lhe dá acesso estava cheia. Não se podia romper. As senhoras, que na assistência tiveram um papel principal, faziam esforços inúteis para vencerem o obstáculo. Outro tanto succedia cá fóra, na rua Eugénio dos Santos, onde, desde as 21 horas, o transito se tornou difficil, por forma a deixar coalhadas de automoveis a rua Jardim do Regedor e a parte daquela primeira arteria, desde o Rossio até junto do Coliseu dos Recreios. Uma força de cinquenta guardas da P. S. P. continha a multidão. A massa de gente avolumava-se, porém, momento a momento, e foi forçoso aumentar aquella força policial.

Cuidados, e grandes, tiveram também os empregados da Sociedade de Geografia, para evitarem que a multidão apenas no seu forte desejo de assistir a cerimonia, causasse quaisquer prejuizos.

Se na sala «Portugal» era difficil de romper, a galeria superior não podia conter mais ninguém. Gente de todas as camadas sociais ali estava, com uma grande compostura, de que eram alto exemplo as senhoras, com os seus vestidos negros, sem decotes.

Muito curioso conjunto era esse em que senhoras da nossa sociedade occuparam, lado a lado, lugares com gente modesta. Viam-se, ainda, farras com condecorações e algumas casacas, mas verificava-se também a presença de homens do povo, entre os quais muitos operarios das Juventudes Catholicas. Outras organizações cristãs e de beneficencia ali estavam representadas, com o mesmo intuito de render homenagem ao purpurado.

[B-9] “Senhoras da nossa melhor sociedade...” (O Século, 24 abril 1936, p. 8).

Segundo o “Pueblo Gallego”

**refugiaram-se em Portugal
cinquenta mil espanhóis
Numa povoação de Leon, três
socialistas agrediram a tiro**

alguns fascistas, matando um deles

VIGO 23.—O jornal «Pueblo Gallego», órgão do ex-presidente do Conselho, Portela Valadares, informa que, segundo os seus cálculos, os espanhóis refugiados em Portugal ascendem já a 50:000.—(U. P.)

Três homens mortos em desordens MADRID, 23. — Dizem de León que, durante um baile, realizado em Barcena del Rio, três socialistas de Poncerrada agrediram a tiro alguns fascistas. Morreu um dos contendores e outros dois ficaram feridos, um dos quais gravemente. A Polícia interveio e prendeu os agressores. Estes, ao serem interrogados, não justificaram a razão do seu acto e em seguida negaram-se,

sistematicamente, a responder às perguntas que lhe faziam.

Em Lozara, Lugo, deu-se uma violenta desordem, durante a qual foi morta uma pessoa. Há numerosos feridos.

Na aldeia de Alcadente de la Jara organizou-se uma manifestação contra o «ayuntamiento». Em certa altura, deram-se tumultos, morrendo um homem. Os feridos são em numero de três.

Uma conferência internacional comunista para «amplificar a agitação espanhola»

PARIS, 23.—Segundo «Le Jour», nos últimos dias deste mês, realizar-se-á, numa cidade do sudoeste da França,

[B-10] “Segundo o jornal Pueblo Gallego...” (O Século, 24 abril 1936, p. 1)

Café Restaurant TAVARES

Lagostas e Salmão

recebidos diariamente, fornecem-se para fora

Salmão, kilo 36\$00

Todos os dias Lagosta à Americana e à TAVARES.

[B-11] “No Tavares o salmão vende-se a trinta e seis escudos o quilo”
(O Século, 23 abril 1936, p. 2).

●●

As ilusões de Rockefeller

A saúde de Rockefeller, que conta a bonita idade de 97 anos, é de ha muito uma preocupação constante dos seus medicos assistentes. Pretendem estes, receosos dum desenlace fatal, evitar-lhe a minima comoção. O milionario tem, porém, caprichos que tornam a tarefa difficilissima, pois quere estar, diariamente, ao corrente do que passa no mundo. Deseja, por isso, ler «The New-York Times»—o seu jornal favorito.

Como os actuais acontecimentos internacionais alterariam, decerto, a serenidade do seu espirito, o problema foi resolvido por uma forma curiosa: fazendo um exemplar especial daquelle diario no qual apenas figuram noticias agradaveis e artigos optimistas, para lhe demonstrar que tudo no mundo corre pelo melhor. Assim, o jornal anuncia que a crise economica está a desaparecer, que não ha desempregados e que o comunismo na Russia evoluciona para o americanismo.

Graças á sua extraordinaria fortuna, Rockefeller vai vivendo, assim, animado pelas mais doces ilusões.

[B-12] “Situação daquelle ancião americano” (*O Século*, 15 abril 1936, p. 2).

